

Irany Campos e seu fio da vida: o militante político agente da história contra o regime militar no Brasil (1964-1985)¹

Wellington Marçal de Carvalho

Doutor em Letras – Literaturas de Língua Portuguesa, pela PUC Minas (bolsista CAPES). Docente do Departamento de Ciência da Informação – Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondônia.

Ilustríssimas Coordenadoras do Sindicato dos Trabalhadores nas Instituições Federais de Ensino (SINDIFES), técnico-administrativos em educação, jornalista Neide da Silva Dantas Mendes e assistente em administração Cristina Del Papa; ilustríssimo Presidente da Associação dos Servidores da UFMG (ASSUFEMG), Márcio Flávio dos Reis; ilustríssimo professor Martin Claret; ilustríssima Chefe da Biblioteca Lydio Machado Bandeira de Melo, da Faculdade de Direito da UFMG, bibliotecária Andréa de Paula Brandão Martins; caríssimo técnico-administrativo em educação, motivo dessa edição do Projeto “Direito à Prosa, Verso, Poesia & Cia.”, Irany Campos, em nome de quem cumprimento as demais autoridades, Darcy (esposa) e João Lucas (filho), familiares e amigos do Irany, senhoras e senhores.

Ao anoitecer da segunda-feira de 04 de junho, recebi um chamado da bibliotecária Andréa que tirou meu relativo sossego. Desde então, minhas horas em Porto Velho, Rondônia, têm sido um pouco mais quentes. A tarefa? “Proferir saudação ao nosso homenageado, que teve história de destaque como servidor público TAE da UFMG [...], no processo político do Brasil no período militar e até os dias atuais.” Então, fiquei ruminando, como dizer com a justa medida sobre esse “homem de coragem, luta e fé”, esse “cidadão ilustre de Minas Gerais, Irany Campos – 80 anos”?

De partida, caro Irany, já espero contar com o seu perdão. Confesso ter deixado falar o meu coração, a minha alma, e a boa energia de nossos amigos em comum, com os quais vim tecendo diálogos e reflexões a seu respeito. Ocorre-me convocar um

¹ Proferido no Auditório da Faculdade de Direito da UFMG, dentro das comemorações pelos 126 anos de sua fundação, em virtude do convite realizado pela coordenadora do Projeto “Direito à Prosa, Verso, Poesia & Cia.”, bibliotecária Andréa Brandão. Pensa-se que o alcance do Projeto cumpre o papel de demonstrar o quanto a ação do profissional em Biblioteconomia pode ser fomentadora da reflexão e ação politizada, sobretudo quando as atividades propiciem o exercício da prática biblioteconômica alimentada pelo respeito à dignidade da pessoa humana, tal como previsto no texto do Juramento deste profissional do campo das Ciências Sociais Aplicadas.

escritor angolano, José Luandino Vieira, cujo narrador de um de seus belíssimos contos, da obra *Luuanda*, me parece de grande valia para essa tarefa. Cito: “É preciso dizer um princípio que se escolhe: costuma se começar, para ser mais fácil, na raiz dos paus, na raiz das coisas, na raiz dos casos, das conversas” (VIEIRA, 2006, p. 47). A trajetória de vida de Luandino Vieira, Irany, remete-nos à sua trajetória. Ele também foi violentado, teve sua liberdade usurpada, vilipendiada por se posicionar, veementemente, contrário ao regime salazarista. O resultado foi sua prisão, por longos anos, pela PIDE (polícia política portuguesa), no presídio no campo de concentração em Tarrafal, numa das ilhas de Cabo Verde, na África.

Irany Campos vem de onde? Teve infância? Tinha mãe, pai, enfim... Tinha? Tinha! Vem de que fonte esse Irany, espécie singular de cajueiro? Com o auxílio de Luandino Vieira, haverei de convencê-los, nesta noite, que a metáfora do fio da vida de um pé de cajueiro é o espelho da vida de nosso homenageado! O que seria de nós sem Literatura? Nem sei... Nascido em 29 de maio de 1938, em Conselheiro Pena, Minas Gerais, às 18h30min. Ainda hora da Ave-Maria! Irany (homem de fé) é filho de José Carlos Sobrinho e Zulmira Campos. São avós paternos Josephino Ferreira Campos e Maria Salomé Rabello Netto, e maternos Hipolito Cassiano dos Santos e Prudencia Chaves dos Santos. Concluiu o ginásio em 1952, no estabelecimento Monsenhor Arthur de Oliveira, na cidade de Conselheiro Pena e, em Belo Horizonte, no Colégio Marconi, cursou e concluiu o colegial no ano de 1962. Em 1982, por vestibular, ingressou na graduação em Direito, nesta Faculdade de Direito da UFMG e, em 1992, requereu o registro de seu diploma de bacharel. Destaco de seu histórico escolar, aqui, nesta Faculdade, as excelentes notas obtidas em duas disciplinas “extracurriculares”: Estudos de Problemas Brasileiros A (2º semestre de 1988) e Estudos de Problemas Brasileiros B (1º semestre de 1989). Desempenho semelhante também alcançado, por exemplo, nas cadeiras de Política, Direito do Trabalho I e Direito do Trabalho II. Chegou, inclusive, a exercer o ofício, devidamente inscrito na seccional Belo Horizonte, subseção Minas Gerais, da Ordem dos Advogados do Brasil.

Li, no *Relatório final da Comissão da Verdade em Minas Gerais* (COVEMG), publicado em 2017, que Irany

foi empregado em 1958 na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, hoje UFMG, como laboratorista. [...] A partir deste período começou a ter contatos com a Ação Católica, especialmente com o grupo denominado JOC (Juventude Operária Católica). Depois ingressou na POLOP (Política Operária) e, por divergências com a linha política, aderiu ao COLINA

(Comando de Libertação Nacional), em 1968. Participou da criação da União dos Servidores da Faculdade de Medicina, perseguida na época do regime militar pelo DOPS (MINAS GERAIS, 2017, p. 91).

Processado pela Faculdade de Medicina, em 1970, Irany, preso em Juiz de Fora, “escreveu duas laudas em sua defesa, ainda na Penitenciária de Linhares” (MINAS GERAIS, 2017, p. 94).

A respeito dessa penitenciária, cujo nome foi tomado de empréstimo do bairro em que se situava, Linhares, no município mineiro de Juiz de Fora, vale sublinhar que ficaria emblemática num documento “lugar de memória”.

As Cartas de Linhares foram escritas por presos políticos, em dezembro de 1969, que pertenciam a duas organizações integrantes da luta armada: Comando de Libertação Nacional (COLINA) e Corrente Revolucionária de Minas Gerais (Corrente). Estes signatários estavam detidos na penitenciária de Linhares, em Juiz de Fora/MG. As Cartas de Linhares representam um dos documentos mais importantes sobre a prática da tortura no período militar. A Carta do COLINA trata-se de uma declaração conjunta que denunciava a violência institucional praticada contra os presos políticos da época, redigida por Ângelo Pezzuti e assinada por Irany [e outros].

Os documentos tiveram grande repercussão internacional, tendo sido amplamente divulgados no exterior, servindo de base para denúncias apresentadas pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (CIDH/OEA). Nesse sentido, constitui um importante registro histórico para o trabalho de memória sobre esse período (MINAS GERAIS, 2017, p. 176, 177).

DOPS, DEOPS, DOI-CODI etc. Meu estômago revira. Engulhos. Calafrio. Sentimento de medo. Revolta! Nomes do cão. Do demônio que também há em nós. Quem os enfrentaria? Gratidão, Irany. Só com Literatura consigo expressar-me. Valei-me, Guimarães Rosa, que agora cito: “Alguém seria capaz de querer ir pôr o açamo no cão em dana?” (ROSA, 1988, p. 119). Você e os seus, bravo Irany! Concordo com a Mãe Stella de Oxóssi que, uma vez na Universidade Federal da Bahia, da qual era membro no Conselho Universitário, assim falou: “Tudo na vida, ainda mais quando se trata do progresso, às vezes torna-se perigoso” (PRETTO; SERPA, 2002, p. 32).

Irany Campos, o Costa, Costinha, que, em razão de sua incisiva oposição ao regime ditatorial (1964-1985), enfrentou toda sorte de perseguições, inclusive no âmbito da própria Universidade em que trabalhava, onde sofreu processo sumário para fins de demissão, em atendimento a solicitações dos generais do Exército.

Esse processo, que teve caráter confidencial, foi instaurado pela Portaria nº 51, de 20 de outubro de 1969, do diretor da Faculdade de Medicina da UFMG, unidade em

que Iransy trabalhava, em atendimento à demanda do governo militar. Esse expediente foi publicado no jornal *Estado de Minas*, em 06 de junho de 1969, visando ao enquadramento do servidor no Decreto-Lei nº 477, de 26 de fevereiro de 1969. Como isso não foi possível, Iransy acabou sendo enquadrado por “incontinência pública e escandalosa”, como supostamente previa o item II, art. 207, da Lei nº 1.711, de 1952, que tratava do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis da União. Essas informações constam da documentação dos arquivos da Assessoria Especial de Segurança e Informação (AESI/UFMG), que integram a Divisão de Coleções Especiais da Biblioteca Universitária da UFMG e estão disponíveis para consulta da sociedade. Como se vê, a participação do Iransy em atos de resistência contra a ditadura militar acarretou-lhe a perda de seu emprego na UFMG, vítima de arbitrariedade. Como se não bastasse, essa determinação impulsionaria sua prisão e exílio do país. Aliás, uma correção, conforme a transcrição da “Tomada de testemunho” colhido por uma integrante da Comissão Nacional da Verdade, com a minha presença, da Anália Gandini e da Neide Dantas, em outubro de 2013, Iransy faz questão de colocar que “não é vítima de nada e, sim, militante político, militante agente da história. [...] Se ele não tivesse lutado, não aconteceria nada com ele” (CAMPOS, 2013). Iransy foi um dos 70 presos políticos trocados pelo embaixador suíço Giovanni Bucher e que embarcaram no conhecido “Voo da liberdade”, que partiu, em 14 de janeiro de 1971, em direção ao Chile. Com seu retorno ao Brasil, após a promulgação da Lei da Anistia, Iransy foi reintegrado, por ordem judicial, ao quadro de servidores permanentes da UFMG. De acordo com o SINDIFES (2014),

Iransy foi o único trabalhador da UFMG que não foi anistiado pela Universidade, pois todos os docentes que estiveram envolvidos na luta contra o regime militar tiveram o seu direito de reintegrar os quadros da instituição. A exceção foi justamente o nosso colega TAE, que foi reintegrado por conta da Lei da Anistia, ampla, geral e irrestrita, mas não por um ato administrativo da Universidade.

A Universidade está viva, ativa, ciente de sua função. Nós estamos aqui, vivos. Em luta. Não parece ser exato o tempo da reparação?

Sua participação nessa luta merece o reconhecimento da Universidade, notadamente, por sua contribuição para a conquista das liberdades públicas de que hoje usufruímos – e que estão novamente em avançado estágio de supressão. O compromisso da UFMG em lembrar a história institucional, que se faz marcada por ideais de

liberdade, foi reafirmado em cerimônia, em 2014, junto ao monumento “Liberdade”, instalado no gramado da Biblioteca Central. Naquele 31 de março, Irany contou parte da história de sua expulsão da Universidade. Essa faceta de uma UFMG que se levanta contra a injunção de esquecer manifestou-se na exposição “Desconstrução do esquecimento: golpe, anistia e justiça de transição”, idealizada no escopo do Memorial da Anistia do Brasil e que foi abrigada no Centro Cultural UFMG, integrando as comemorações dos 90 anos da Universidade. Na abertura da exposição, em junho de 2017, a Diretoria de Ação Cultural prestou homenagem simbólica a Irany, considerado “expressão viva, em todos os sentidos da palavra, a razão e o sujeito” daquela expografia. Não posso deixar de mencionar os fatos deploráveis, que iriam acontecer na UFMG, com alguns de seus membros, sob o manto obscuro da torpe operação da Polícia Federal, por essa força armada acintosamente denominada “Operação Esperança Equilibrista”.

Vale lembrar, também, a homenagem feita a Irany pela Câmara Municipal de Belo Horizonte, em 2014, numa reunião especial, alusiva aos 35 anos da promulgação da Lei da Anistia política. O ano de 2014 é pleno de significação. Por conta dos 50 anos do golpe militar, a Belotur, naquela oportunidade, lançou um guia turístico singular. Nele, apresenta-se um roteiro chamado “Memórias de resistência”, com localidades de Belo Horizonte, palco de acontecimentos dos anos sombrios: Praça Sete, Praça da Rodoviária, DCE da UFMG, Igreja São José, Edifício Acaiaca, Secretaria de Saúde, Sindicato dos Jornalistas, Edifício Maletta, Faculdade de Direito da UFMG, Teatro Marília, Faculdade de Medicina da UFMG, DOPS, Convento dos Dominicanos, Centro Clandestino de Triagem, Colégio Estadual Central, Colégio Pandiá Calógeras, CPOR, Casa de Helena Greco, 12º RI, Igreja de São Francisco das Chagas, Delegacia de Furtos e Roubos, Reitoria da UFMG, Rua José Carlos da Mata Machado, Binômio, Teatro da AMI, Teatro Imprensa Oficial e Sindicato dos Médicos. Pois bem, defendo que o Irany (procurado pelo Exército brasileiro e preso pela segunda vez, aos 31 anos de idade, em 02 de agosto de 1969 – a primeira prisão havia sido aos 26 anos de idade, ao se envolver em um acidente de trânsito, quando um ônibus da Viação Cometa, no percurso Rio-BH, caiu no Viaduto das Almas, matando 30 pessoas e ferindo 5, entre os feridos, Irany), repito, defendo que o Irany, também, é um “lugar de memória”. De certa forma, como nos ensinou Pierre Nora, a nossa sociedade necessita de “lugares onde ancorar sua memória” e, no fio da vida do Irany, estão presentes as dimensões material, simbólica e funcional que me habilitam pensá-lo pertencente a essa categoria e, por decorrência, nos

ajudam no “deciframento do que somos à luz do que não somos mais” (NORA, 1993, p. 20).

Iransy é, também, um homem de fé. Vale lembrar, a esse respeito, que sua entrada na luta revolucionária não era por ser comunista e, sim, porque era, e ainda é, cristão. Sua formação é cristã. Esteve e está sempre sob a proteção de Dona Zulmira. Seu ponto de ancoragem. De sua mãe presente numa medalha de Nossa Senhora das Graças? Fico imaginando: Como seriam as mãos dessa mãe, meu Deus? Aí me lembro que Iransy conheceu pessoalmente Mercedes Sosa, La Negra. Os iguais também se atraem. Há uma canção interpretada por Mercedes que não me sai da cabeça. Um trecho de “Como pajaros en el aire” é assim: “Las manos de mi madre/Sabem que ocurre/Por las mañanas/Cuando amasa la vida/Hornos de barro/Pan de esperanza...” (SOSA, 2018). Ele observou, atento e sagaz, como é que “as mulheres puseram os homens para frente! O movimento da anistia, no Brasil, se deu graças à força da luta das mulheres, que culminou na derrubada da ditadura” (CAMPOS, 2015). Essa vida é feita de mistérios, já dizia o Guimarães Rosa.

A desmemória parece ser, para mim, a marca da minha geração. Eu, que nasci depois dessa batalha toda, me envergonho ao escutar representantes públicos sendo ovacionados por congratular, por exemplo, humanos da extirpe de um Brilhante Ustra. E minha geração quer isso de volta no exercício do governo e do poder. Parece não entender, ou pior, não querer entender que existe uma diferença entre chegar ao governo e exercer, de fato, o poder. Talvez por isso pessoas guerreiras desde sempre foram julgadas, condenadas, escorraçadas, injustamente. Por lutarem pelo coletivo. Como você mesmo disse certa vez, Iransy, em entrevista ao Movimento Cidadão Comum, devemos não nos esquecer de que, por exemplo, o governo Lula, ao assumir, chamou, na pessoa de seu Ministro da Justiça, a Polícia Federal para dar a ela autonomia para trabalhar corretamente. A Dilma também não se esquivou dessa acertada decisão... Uma outra fala sua, Iransy: “Há de se ter mente arejada!”

Meu tempo quase não lê, Iransy. É preciso muita paciência para reverter esse cenário, muita persistência para tentar “mobilizar o cérebro”, como dizia Frantz Fanon (FANON, 2005). Quando te conheci, recordo-me exatamente o dia, lá no SINDIFES, vi que algo em comum nos uniria para sempre. Ambos, de maneiras diferentes, conhecemos as agruras do defenestramento. Aqueles mandados do cão talvez o enxergassem, Iransy, como o *homo sacer* de Agamben? (AGAMBEN, 2012). Como “um indivíduo afastado, arbitrariamente, de qualquer direito essencial do ser humano, muito

mais assemelhado a coisa do que a cidadão” (CARVALHO, 2014, p. 255)? Você era da direção do SINDIFES, na pasta de política e formação sindical no biênio de 2008-2010. Pude conviver ainda mais de perto quando, na gestão de 2010-2012, eu também integrei a diretoria do Sindicato. Lembro-me de nossas leituras, como, por exemplo, quando passamos, você e eu, uma tarde inteira discutindo cada linha do texto de Antonio Candido, o “Direito à Literatura”. Garanto, Iransy, que, mesmo que assim você não pense, todos que compartilhamos a luta sindical ao seu lado, de alguma maneira, mesmo sem perceber exatamente, também fomos formados politicamente por meio de seu exemplo. Se verificarmos, por exemplo, os registros guardados, de forma organizada, no Centro de Memória do SINDIFES, em seu Arquivo e em sua Biblioteca, ratificaremos esse parecer. A isso também te devemos gratidão!

Hoje, Iransy, parece estar o nosso mundo novamente tomado pela turbidez. E minha geração permanece deitada “eternamente em berço esplêndido”. Dominada, porque dividida. O filósofo camaronês Achille Mbembe nos dá a pista: tempos em que prevalece uma política de inimizade. Sou obrigado a concordar com Mbembe (2017, p. 9, 14, 108):

[Há] [...] uma certa conformidade com o mundo – ou, ainda, o uso do mundo –, que, neste início de século, consiste em não quereremos saber de nada senão de nós. Este processo obedece a uma genealogia e tem um nome: a corrida para a separação e para a ruptura. Esta desenvolve-se num cenário de angústia e de aniquilação. [...] Este mundo de homens sem laços (ou de homens que aspiram a não estar perto dos outros) é ainda o nosso, ainda que sempre sob novas configurações. [...] Se imaginarmos a política como uma forma de guerra, devemos interrogar-nos: qual é o lugar reservado à vida, à morte e ao corpo humano (em particular, ao corpo ferido ou assassinado)? Que lugar ocupam dentro da ordem do poder?

É, Iransy, sua presença, militância, coragem, senso de coletividade, de doação, constituem-se pontos de atenção para nós. A defesa intransigente dos trabalhadores, com os trabalhadores, em demanda dos trabalhadores, do lado mais fraco da corda, dos oprimidos é, para nós, por tudo que veicula, momento de formação política e sindical. Gratidão que também inspira nossos ânimos para a assertividade do Projeto “Direito à Prosa, Verso Poesia & Cia.”, idealizado, em 2016, pela bibliotecária chefe da Biblioteca da Direito, Andréa de Paula Brandão Martins, e assumido pela sua equipe.

É, de fato, inquebrantável o fio da vida do corajoso Iransy Campos. Para encerrar, volto à metáfora do cajueiro, que tomei emprestada do escritor angolano Luandino Vieira. Iransy Cajueiro, cito:

É assim como um cajueiro, um pau velho e bom, quando dá sombra e cajus inchados de sumo e os troncos grossos, tortos, recurvados, misturam-se, crescem uns para cima dos outros, nascem-lhe filhotes mais novos, estes fabricam uma teia de aranha em cima dos mais grossos e aí é que as folhas, largas e verdes, ficam depois colocadas, parece são moscas mexendo-se, presas, o vento é que faz. [...] As pessoas passam lá [...] e ninguém pensa: como começou este pau? Olhem-lhe bem, tirem as folhas todas: o pau vive. [...] Subam nele, partam-lhe os paus novos, aqueles em vê, bons para paus-de-fisga, cortem-lhe mesmo todos: a árvore vive sempre com outros grossos filhos dos troncos mais-velhos agarrados ao pai gordo espetado na terra. [...] E se nessa hora, com a nossa raiva toda de não lhe encontrarem o princípio, vocês vêm e cortam, rasgam, derrubam, arrancam-lhe pela raiz, tiram todas as raízes, sacodem-lhes, destroem, secam, queimam-lhe mesmo e vêem tudo fugir para o ar feito muitos fumos [...] não adiantem ficar vaidosos com a mania que partiram o fio da vida, descobriram o princípio do cajueiro... [...] Então, em vez de continuar descer no caminho da raiz à procura do princípio, deixem o pensamento correr no fim, no fruto, que é outro princípio, e vão dar encontro aí com a castanha, ela já rasgou a pele seca e escura e as metades verdes abrem como um feijão e um pequeno pau está nascer debaixo da terra com beijos da chuva. O fio da vida não foi partido. Mais ainda: se querem outra vez voltar no fundo da terra pelo caminho da raiz, na vossa cabeça vai aparecer a castanha antiga, mãe escondida desse pau de cajus que derrubaram mas filha enterrada doutro pau. [...] É assim o fio da vida (VIEIRA, 2006, p. 52, 54-55).

Nossa Senhora das Graças te proteja, Irany. Gratidão por tudo!!!

Belo Horizonte, 28 de junho de 2018.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. Homo sacer. In: _____. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012. p. 73-113.

BELOTUR. *Memórias de resistência: lugares de repressão e de luta contra a ditadura militar de 1964-1985*, em Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/sites/belo Horizonte.pbh.gov.br/files/guia_memoria.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2018.

CAMPOS, Irany. *Documentos pessoais*. Belo Horizonte, [s.d.]. (Cópias de documentos pessoais RG, CPF e Registro na OAB).

CAMPOS, Irany. *Irany Campos: depoimento completo*, out. 2013. Tomada de testemunho. Entrevistadora: San Romanelli. Belo Horizonte, 2013. (Transcrição de 02:00:23 de áudio). Entrevista concedida à Comissão Nacional da Verdade em 11 de outubro de 2013. 43 p.

CAMPOS, Irany. *Luiza Lage entrevista Irany Campos*. Entrevistador: Luiza Lage. Belo Horizonte: Cidadão Comum Entrevista, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IzVnDrdhoKU>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. In: _____. (Org.). *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2004.

CARVALHO, Wellington Marçal de. A epopeia negativa em *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, v. 21, n. 1/2, p. 246-259, jan./dez. 2014.

CARVALHO, Wellington Marçal de; PONTELO, Anália das Graças Gandini; BARBOS, Helder de Castro Bernardes. Resistir ao esquecimento. *Boletim UFMG*, Belo Horizonte, ano 43, n. 1987, 21 ago. 2017. Disponível em: <<https://ufmg.br/comunicacao/publicacoes/boletim/edicao/sorte-ou-habilidade/resistir-ao-esquecimento-1>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

CENTRO DE MEMÓRIA DO SINDIFES. Disponível em: <<http://antigo.sindifes.org.br/sindifes/estaticas/memoria/apresentacao.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

CRISTINI, Flávia. Em BH, guia turístico inclui locais de repressão e luta contra a ditadura. *GI MG*, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2014/04/em-bh-guia-turistico-inclui-locais-de-repressao-e-luta-contra-ditadura.html>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

DANTAS, Neide. *Irany Campos receberá homenagem na Câmara Municipal de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Grupo Fasubra, 2014.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: UFJF, 2005. 373 p. (Cultura; 2).

FONSECA, Maria Nazareth Soares. De rastros e restolhos da memória: a composição de “lugares de memória” pela literatura. In: CARVALHO, Wellington Marçal de. *A defesa incansável da esperança: feições da Guiné-Bissau na prosa de Odete Semedo e Abdulai Sila*. Curitiba/Belo Horizonte/Bissau: Prismas/CEA-UFMG/Ku Si Mon, 2017. p. 19-30. (Estudos Africanos do CEA/UFMG; 4).

MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017. 250 p.

MINAS GERAIS (Estado). Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Participação Social e Cidadania. *Comissão da verdade em Minas Gerais: relatório final*. Belo Horizonte: COVEMG, 2017. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1jNSHKon5MJYroobmGSK8yIz5zFgL7Yr4/view>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

ÔNIBUS da Cometa mata 30 a caminho de Minas. *Correio da Manhã*, Belo Horizonte, 02 ago. 1969.

OS delatores de Dilma. *Isto É*, n. 2533, maio 2007. Disponível em: <https://istoe.com.br/263149_OS+DELATORES+DE+DILMA/>. Acesso em: 23 jun. 2018.

PRETTO, Nelson de Luca; SERPA, Felipe. UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *Expressões de sabedoria: educação, vida e saberes: Mãe Stella de Oxóssi*, Juvany Viana. Salvador: EDUFBA, 2002. [99] p.

ROSA, João Guimarães. A benfazeja. In: _____. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 113-122.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO. *31 de março: recordar para nunca esquecer!* Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://sindifes.org.br/noticia/visualiza/2480>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO. *Relação de diretores do Sindicato dos Trabalhadores nas Instituições Federais de Ensino – SINDIFES/2008-2012*. Belo Horizonte, 2012. (Arquivo institucional do SINDIFES).

SOSA, Mercedes. Como pajaros en el aire. Disponível em: <<https://letrasweb.com.br/mercedes-sosa/como-pajaros-en-el-aire-traducao.html>>. Acesso em: 23. jun. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Departamento de Registro e Controle Acadêmico. Faculdade de Direito. *Ficha de registro de aluno: Irany Campos*. Belo Horizonte, 1982.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Departamento de Registro e Controle Acadêmico. Faculdade de Direito. *Requerimento para registro de diploma: Irany Campos*. Belo Horizonte, 1992a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Departamento de Registro e Controle Acadêmico. Faculdade de Direito. *Histórico escolar: Irany Campos*. Belo Horizonte, 1992b.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Faculdade de Direito. *Projeto Direito a Prosa Verso Poesia & Cia: bate papo com Irany Campos - um homem de*

coragem luta e fé. Disponível em:

<https://www.direito.ufmg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1067%3A2018-06-25-21-50-23&catid=78%3Anoticias&Itemid=53>. Acesso em: 23 jun. 2018.

VIEIRA, José Luandino. Estória do ladrão de papagaio. In: _____. *Luuanda: estórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 45-105.

Informação bibliográfica deste texto, conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT):

CARVALHO, Wellington Marçal de. Irany Campos e seu fio da vida: o militante político agente da história contra o regime militar no Brasil (1964-1985). [Palestra]. *Bibliotecas Universitárias: pesquisas, experiências e perspectivas*, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 122-132, jul./ dez. 2017.

Recebido em: 30.08.2018.

Aceito em: 22.09.2018